

Afinal, Taylor não apenas andava de mãos dadas com os Pele Verde, como também tinha ligações suspeitas com as forças do Caos ou até mesmo com os Necrons do vácuo. Se não fosse a garantia de lealdade dada pelo Inquisidor, quem sabe se ele já não deveria ter sido fuzilado? Ele ainda estava imerso em seus pensamentos quando o grito do chefe dos Pele Verde interrompeu sua reflexão. – Chefe! Chefe!... Taylor suspirou. Como aquele ork conseguia estar tão animado e desequilibrado logo após escapar por um triz da morte? Ele tentou ignorá-lo, mas logo uma sombra enorme deixou claro por que o ork estava gritando tão empolgado. Era uma presença colossal e ameaçadora, fruto da fúria antiga do Devorador e do ódio acumulado por suas incontáveis derrotas. Um Senhor da Matilha, uma criatura nodal. Substâncias fluorescentes de um azul pálido cintilavam em seus olhos, enquanto pupilas negras e uma cabeça retorcida revelavam as punições que recebera toda vez que ressurgia do enxame. Raiva. Vergonha. Seus membros afiados ostentavam garras capazes de dilacerar até os mais corajosos, e seu corpo gigantesco, com quase sete metros de altura, superava até mesmo uma armadura Terminator em tamanho e terror. Taylor quase sufocou – em parte pelo fedor repugnante que emanava daquela coisa, um cheiro que ele só poderia descrever como terra podre. E depois, é claro, havia o medo. Gaguejando, ele conseguiu dizer: – Foi mal por... derrubar sua cabeça da última vez... A frase claramente ateou a fúria do tirano, que soltou um rugido cortante. Ele não era um simples animal. Talvez fosse até um especialista em linguagem. Embora incapaz de falar, precisava compreender a lógica da comunicação de seus inimigos – e por isso havia devorado inúmeros humanos para absorver seu conhecimento. Ele dominava até mesmo o Alto Gótico, os dialetos ork e a linguagem refinada dos Eldar. Mas nunca, jamais, ouvira algo tão absurdo vindo de um mero humano. Se o Baixo Gótico não fosse uma língua fonética, ele até pensaria ter entendido errado. Afinal, aquele era apenas um humano comum. Fora de seu veículo blindado, aquele homem não passava de um inseto que poderia esmagar sem esforço! Agora, o tirano já calculava como matá-lo. Afinal, humanos eram frágeis – pisoteá-lo? Esmagá-lo? Cortá-lo ao meio? Mas, no momento em que decidiu, viu um brilho faiscar diante de seus olhos. E ele reconheceu aquilo. Fusor. Por instinto, golpeou na direção do atirador. Já vira inúmeras vezes como aquela arma dissolvia até os maiores carrascos. Mas, ao lançar o golpe, o insignificante comandante humano despertou uma força inesperada e quase decepcionou sua mão com uma simples lâmina. O tirano rugiu, desviou do jato de plasma e, pela primeira vez, encarou seu oponente com atenção. Não era uma simples oferenda. Era uma presa. Enquanto isso, Taylor tremia e resmungava: – Roland! Se a gente sair vivo dessa, você vai ficar sem jantar! Como é que erra um tiro desses?! Para Taylor, proibir um soldado de comer era o pior castigo possível. Principalmente o jantar. Passar fome à noite era uma tortura... --- Capítulo 140: Como uma Catástrofe - parte 2 O som prolongado de uma buzina ecoou sob o céu, apenas para ser sufocado pelo zumbido do enxame – como se fosse o último grito desesperado da humanidade. Mesmo com os Pele Verde entrando na luta, o tirano seguia imbatível, e o enxame apenas aguardava o momento certo. Eles nem sequer estavam usando toda a força. O poder esmagador dos tiranidas os colocava entre os inimigos mais aterrorizantes do universo. Talvez até o mais aterrorizante... Droga. Taylor calculou mentalmente as chances, enquanto o fedor nauseante da criatura invadia suas narinas. Ele já derrotara aquele tirano várias vezes, mas enfrentá-lo de corpo a corpo era outra história. Suas chances eram mínimas. O ataque com o fusor era uma das poucas oportunidades, mas Frankstein não estava lá, e agora o tirano estava alerta. Taylor estava praticamente encurralado. Os soldados disparavam seus rifles laser contra a carapaça do monstro, mas mesmo após inúmeros tiros que deixavam o metal incandescente, a criatura não parava. Teoricamente, tantos disparos perfurariam até a blindagem de um tanque. Era claro que a resistência daquele tirano beirava o absurdo. A morte não o enfraquecera – só o tornara mais forte. Um frio cortante subiu pela espinha de Taylor. Mesmo com o enxame distraído pelos orks, a chance de derrotar o tirano era agora. Mas como um mero humano poderia enfrentá-lo? Quando as garras afiadas avançaram, Taylor rolou na trincheira. As garras do Senhor da Matilha arrancaram camadas de terra, retardando seu movimento por um instante. Taylor viu o corpo quitinoso passar rente à sua cabeça. Por um triz, ele não fora partido ao meio. Graças à proteção do Imperador, escapara dessa vez. Mas e na próxima? Seu coração martelava, como se já visse seu fim. Ergueu a catana Lictor,

forçando-se a extrair das profundezas da alma um resquício de coragem. Mas o efeito era como tentar espremer um último resto de nutriente de um tubo de ração imperial já vazio. Por mais que quem o espremasse estivesse faminto, não adiantava. Meu Deus... Como Taylor desejava ser poderoso como o lendário Capítulo dos Ultramarinos, ou como qualquer herói das crônicas do Império. Mas não era. Era apenas um homem comum. Apertou a empunhadura da lâmina, como se fosse o único objeto que lhe dava confiança. Porém, quando a foice quitinosa veio em sua direção, Taylor... decidiu escutar seu instinto. Avançou, mergulhando por baixo da criatura - mais precisamente, sob o ponto cego do tirano durante um ataque. Uma ação estúpida. Nem mesmo um Astartes veterano ousaria tanto. Embora maciços, os tiranidas eram incrivelmente ágeis, e a área frontal era praticamente uma zona de morte. E logo Taylor sentiu o gosto amargo de sua própria idiotice. Quatro membros armados com garras cortantes avançaram como facas cortando legumes. Taylor precisou pular feito um palhaço para escapar do tirano, que havia sacrificado parte de sua velocidade em troca de mais resistência. Mesmo assim, ele mal conseguia desviar dos ataques. Quanto tempo isso duraria? O cansaço físico e mental já batia forte. Em dez segundos, no máximo, ele estaria em pedaços. Ofegante, Taylor viu o olhar cruel do tirano se divertindo com sua agonia — até que um rugido de jato ecoou no ar. — Praga dos céus! A voz grave e poderosa era familiar. O sargento dos Tubarões Devoradores! Armado com um martelo de choque surrado e um jetpack improvisado, o Astarte aterrissou com força brutal sobre o tirano. O impacto foi tão violento que até a besta colossal caiu, afundando no solo macio e fermentado do planeta e levantando uma nuvem de poeira. Taylor tossiu, mas percebeu que aquela era sua chance de fugir. Mas ele hesitou. O guerreiro Tubarão Devorador lutava desesperadamente contra o tirano. Era óbvio: nenhum Astarte, sozinho, venceria um senhor da colmeia. — CORRA, MORTOAL! — o guerreiro rugiu, o capacete pálido ocultando sua expressão. Taylor viu as rachaduras se espalhando pela armadura do Astarte. Ele já não era mais livre, preso por laços que outros haviam criado. Mas, de certa forma, isso não era tão ruim. Sobreviver não era só sorte — era ter aliados em quem confiar. Ele os decepcionaria? — Taylor, Taylor... você é um maldito idiota, um louco sem cura... — resmungou, segurando a lâmina militar com força. Respirou fundo e, reclamando baixo, partiu em direção ao tirano. Mal havia escapado daquela zona de morte e agora voltava. Já não era mais egoísta, mas ainda estava longe de ser um servo abnegado do Império. E nunca seria. Lealdade? Não era para ele. Ele seguia seu próprio caminho, mesmo que o Império o considerasse perigoso ou desleal. Ele não se arrependia. Talvez... Ao chegar perto do irmão de batalha, o Astarte gritou: — SEU IMBECIL! — Sim, eu sou! — Taylor respondeu. — Mas ser um idiota é melhor que ser um herói! Pelo menos ainda tem salvação! O sargento dos Tubarões Devoradores gritou: — O martelo de choque não consegue perfurar a armadura dele! Taylor inspirou. — Eu tenho um plano. Talvez... Correndo pelo corpo do tirano, Taylor alcançou a cabeça da criatura. Lá, viu a cratera deixada pelo martelo do chefe Ork — uma ferida ainda não cicatrizada. A armadura estava amassada, a estrutura fluida comprometida. O tirano encarou Taylor com ódio, rugindo enquanto o Astarte o segurava no chão. Taylor levantou a arma, pronto para atacar — mas o tirano cuspiu um líquido azul. Instintivamente, Taylor desviou. O chão atrás dele começou a derreter como manteiga, emitindo um som de crepitação. — Que porra... — O monstro agora cuspiu ácido como uma metralhadora, transformando o campo de batalha numa briga infantil nojenta — e mortal. Segurando a lâmina com nojo, Taylor tentou atacar, mas o ácido, criado pela biotecnologia da colmeia, era feito para destruí-lo. Quando uma gota atingiu a lâmina roxa de Licator, a arma que nunca falhava rachou e quebrou ao meio, perdendo todo o fio. Sem escolha, Taylor sacou sua faca Catachan. Mas a lâmina era curta demais para matar a besta. Quando a faca penetrou na armadura, o tirano rugiu de dor e fúria, jogando o Astarte para longe mesmo sob os golpes do martelo. — MERDA! — Taylor sentiu o desespero, mas também uma coragem inexplicável. Ele já tinha ido tão longe... Vitória. Ele queria isso como nunca antes. Pegando um rifle laser do cadáver de um soldado da Guarda Imperial, Taylor mirou a cabeça do tirano, que se contorcia. Em silêncio, ele orou: Imperador... Se o senhor está ouvindo, deixe minha bala acertar o cabo da faca Catachan. Deixe a lâmina leal perfurar a garganta dos xenos! Ele puxou o gatilho. O laser disparou... Capítulo 141: O Remédio do Velho Médico Acertou? Errou? As

chances eram baixas. Taylor sempre teve bons resultados no treino de tiro, mas não era tão bom quanto a garota Ratling. A moça pequenina era próxima dele, e Taylor uma vez perguntou como atirar tão bem. A resposta dela não foi sobre técnica ou treino avançado. — Chefe, você cozinha e atira tão bem quanto eu. O que falta é ter a mente leve, igual um Ratling.

<http://portnovel.com/book/29/5042>